



ARIEL FERREIRA. *até aqui*, 2019.

INSTALAÇÃO *SITE SPECIFIC*, PINTURA COM TINTA COMERCIAL,
MEMORIAL MINAS GERAIS VALE, PRAÇA DA LIBERDADE, BELO HORIZONTE.
FOTOGRAFIA: ARIEL FERREIRA.

Sobre o artista e suas imagens

Na Revista da UFMG #27.2, cujo tema é Desastres, foi convidado um grupo de artistas cujas obras comentam alguns desastres ecológicos que vem acontecendo nas últimas décadas em Minas Gerais, criando uma narrativa visual que dialoga com os textos da Revista.

Dando sequência a essa narrativa visual, para acompanhar este número da Revista da UFMG, #27.3 Desastres, convidamos o artista Ariel Ferreira para mostrar registros da sua exposição intitulada *Até aqui*, apresentada em 2019, no Memorial Minas Vale, Belo Horizonte. Além desses registros da galeria, está sendo apresentado, também, o *Diário de bordo*, que registra o processo de coleta de terra e rochas, em municípios em torno de Belo Horizonte. Os pigmentos extraídos da terra e das rochas foram utilizados para confeccionar as tintas usadas na exposição.

Ariel Ferreira nasceu em Montes Claros/MG em 1982. A partir do ano de 2000 se fixa no centro da capital Belo Horizonte e inicia sua formação na EBA/UFMG, onde também conclui o mestrado (2009) e o Doutorado (2015). Sua poética se utiliza de várias linguagens abordando o espaço público e a relação entre natureza e cultura. Participou de diversas exposições e prêmios dos quais se destacam a Bolsa Pampulha (2008) e o Rumos Itaú Cultural (2009).

O artista apresenta, a seguir, o projeto *Até aqui*, que acompanha a exposição, descrevendo suas etapas.

Até Aqui

Esse projeto, chamado *Até Aqui*, é dividido em 4 etapas, entre as quais as duas primeiras são a princípio desconhecidas pelo público que visita hoje a exposição, e as outras duas restantes eu ainda não fiz enquanto escrevo esta legenda. Primeiro eu coletei terra e rochas de Minas, segundo eu preparei tintas fazendo dessa terra pigmento, terceiro eu pintarei as paredes que houver da galeria até onde meu corpo alcança, quarto, durante a última semana de exposição, eu repintarei as paredes com seu branco original com tinta de parede usual.

1. A partir de curtas viagens em cidades em torno de Belo Horizonte eu coletei terras e rochas das quais extraí pigmentos para a feitura de tintas (invariavelmente com cola acrílica e água). Coletei da poeira do chão, da beira de estradas, de seixos de rio, dos barrancos e das encostas; de Caetés, de Santa Bárbara (comunidade André do Mato Dentro), Nova Lima, Rio Acima, Brumadinho; na Serra do Rola Moça, na Serra da Moeda, na Serra do Gandarela, no extinto Córrego do Feijão, no ameaçado Rio São João.

2. Moí, soquei e peneirei as coletas, misturei com uma resina acrílica e fiz testes (não fiz misturas das tintas entre si para manter a qualidade das cores, a ser vertidas a *posteriori* em pinceladas). Esses testes estão colados dentro de um *diário de bordo* acrescidos de registros fotográficos das viagens. O *diário de bordo*, escaneado em PDF, pode ser visualizado e baixado da internet.

3. Munido das tintas preparadas e pincéis, por sete dias no interior da Galeria 2 do Memorial da Vale, pinto todas as paredes disponíveis, cobrindo por completo toda a superfície acessível ao meu corpo sobre o chão. Como regra não me utilizarei de hastes para os pincéis nem bancos ou escadas que estendam meu alcance sobre as paredes. O limite da pintura corresponde a estatura de meu corpo no espaço dado mediado por tinta e pincel. Defino, aqui, a pintura como o registro de uma performance que investiga a escala humana. O procedimento da performance será escalonado pelas posturas desempenhadas por meu corpo durante o serviço no espaço da galeria, a organizar as faixas de pinceladas em: a) agachado para pintar do rodapé (0 cm do chão) até a altura de minha cabeça quando estou agachado; b) com a coluna ereta e em pé, da altura do meu braço abaixado até a altura da cabeça (eu meço 172cm); c) aproximadamente da altura do topo da minha cabeça até a altura da minha mão quando meu braço está completamente erguido (por volta de 214cm); d) do último registro até a altura máxima que atinge meu corpo, na ponta dos pés, segurando um pincel de dimensões comuns.

O que pode um corpo humano? Até hoje ninguém soube responder. A pintura *site-specific* por mim elaborada, *até aqui*, pretende, através de dimensões humanas (as minhas próprias, no caso) produzir algo que seja sentido como que produzido por uma escala posterior à humana. Menor que das máquinas, das linhas de ferro, das montanhas e rios que deixam de existir de um dia para outro, é verdade, mas maior que um homem, como eu, que mede 172 centímetros com os pés no solo.

4. Durante a última semana de exposição irei apagar todo trabalho dentro da galeria 2. Irei pintar de branco com rolos e tinta vendida no varejo as paredes antes por mim pintadas com a cor da terra e findar a exposição deixando a galeria com o mesmo aspecto do qual a encontrei. Durante a pintura do cubo branco me disponibilizo a conversar e discutir com o público presente sobre o projeto *Até Aqui*: suas etapas, suas descobertas, as conexões com outras pesquisas, seus limites e contradições, ou a pura contemplação da paleta de nossa terra - convido o público a participar da desmontagem da instalação. Meu trabalho merece críticas e eu estarei pronto para recebê-las, trabalhando.

Ariel, Belo Horizonte, dez de julho de 2019.

About the artist and his images

For Revista da UFMG #27.2, the theme of which is Disasters, a group of artists was invited, and their works are comments on some ecological disasters that have been taking place in the last decades in Minas Gerais, creating a visual narrative that interacts with the texts of Revista.

In the wake of this visual narrative, to accompany this issue of Revista da UFMG #27.3 Disasters, we invited the artist Ariel Ferreira to show records of his exhibition entitled *Até aqui* (Thus far) presented in 2019 at the Memorial Minas Vale in Belo Horizonte. Besides these records of the gallery, *Diário de Bordo* (Logbook) is also being displayed, registering the process of earth and rocks collection in municipalities around Belo Horizonte. The pigments extracted from the earth and rocks were used to make the dyes employed in the exhibit.

Ariel Ferreira was born in Montes Claros, State of Minas Gerais, in 1982. From year 2000 on, he establishes himself in the central area of the capital city Belo Horizonte, and begins his education at EBA/UFMG, where he completed his Master's Degree (2009) and his Ph.D. Degree (2015). His poetic work makes use of many languages approaching the public space and the relation between nature and culture. He participated in several expositions and awards such as Bolsa Pampulha (2008) and Rumos Itaú Cultural (2009), which are among the most important ones.

Follows the presentation of the artist's *Até aqui* that accompanies the exhibition, describing its steps.

Até Aqui (Thus far)

This project called *Até Aqui* is divided into 4 steps; the first two are initially unknown to the public visiting the exposition today, and the other two I had not yet created as I was writing this legend. First, I collected earth and rocks in Minas Gerais, and then I prepared dyes turning this earth into pigment. Third, I will paint all the walls in the gallery to the reach of my body, and fourth, during the last week of the exposition, I will paint the walls back to their original white color, with usual wall paint.

1 – During my short journeys to cities around Belo Horizonte, I collected earth and rocks from which I extracted pigments to make the dyes (all of them with acrylic glue and water). I gathered dirt from soil, from roadsides, river pebbles, materials from ravines and slopes; from sites as Caetés, Santa Bárbara (André do Mato Dentro community), Nova Lima, Rio Acima, Brumadinho, from the ridges named Serra do Rola Moça, Serra da Moeda, Serra do Gandarela, in the rivers Córrego do Feijão, now extinct, and in the threatened Rio São João.

2 – I grounded, punched and sieved the collected materials, which I blended with acrylic resin, and I made tests (I did not mix dyes one another in order to keep the quality of the colors, to become brushstrokes further on). These tests have been pasted into a logbook together with photographed recordings of the trips. The logbook, scanned in PDF, may be seen and downloaded from internet.

3 – Equipped with the prepared dyes and brushes, during seven days inside the Gallery 2 of Memorial da Vale (Vale Memorial), I paint all the available walls, completely covering the surfaces as far as my body lying on the floor could reach. As a rule, I will not make use of any sticks to my brushes, neither will I use benches nor stairs that would extend my reach to the walls. The painting limits stand for the height of my body within the given space with the help of paint and brush. And here I define painting

as the record of a performance that investigates the human scale. The performance procedure will be measured by the postures carried out by my body during the service in the space of the gallery, organizing the brushstrokes by levels of: a) crouched to paint baseboards (0 cm from the floor) to the height of my head while crouched; b) with spine erect and standing, from the height of my lowered arm to the height of my head (I am 172 cm tall); c) about the height of the top of my head to the height of my hand with my arm fully lifted (ca. 214 cm); d) from the last record to the maximum height that my body reaches, tiptoe, holding a regular brush.

What can a human body do? Nobody could answer this question so far. The site-specific painting that I made, thus far, by means of human dimensions (my own, in this case), intends to produce something that may be sensed as if produced by a scale subsequent to the human scale. Shorter than the one of the machines, of the railways, of the mountains and rivers, that disappear overnight, that is true. But higher than a man, like me, who is 172 cm tall, feet on the ground.

4 – During the last exhibition week, I will erase all the work inside Gallery 2. I will paint the walls white with commercial rollers and paint, the same walls that I had painted with the color of earth, giving an end to the exhibition leaving the gallery the same way I found it. During the painting of the white cube, I will make myself available to talk and discuss about the project *Até Aqui* with the public present; its steps, its discoveries, the connections with other researches, its limits and contradictions, or the sheer contemplation of the palette of our land-earth. I invite the public to share the installation dismantling. My work deserves criticism, and I will be ready to have them, working.

Ariel, Belo Horizonte, July 10th, 2019.



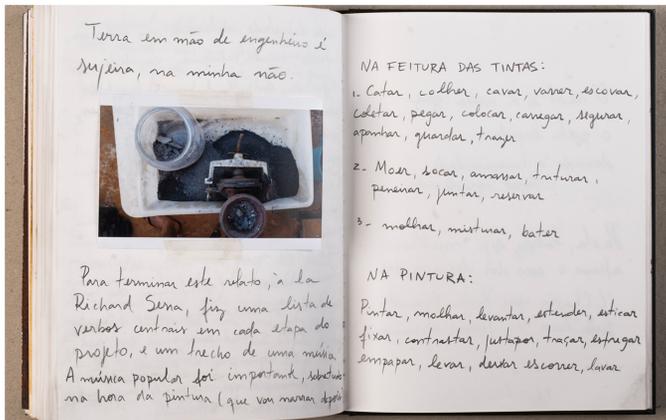
ARIEL FERREIRA. DIÁRIO DE BORDO. PROJETO ATÉ AQUI, 2019.

CADERNO COM REGISTROS DE VIAGENS, COLETA DE PIGMENTOS E FABRICAÇÃO DE TINTAS DE TERRA E ROCHAS. 21,5 X 28CM, 69 PÁGINAS DUPLAS.

[HTTPS://DOCS.WIXSTATIC.COM/UGD/77750B_A50ECDCC826244F9B92982B3A873FC34.PDF](https://docs.wixstatic.com/ugd/77750b_A50ecdcc826244f9b92982b3a873fc34.pdf)

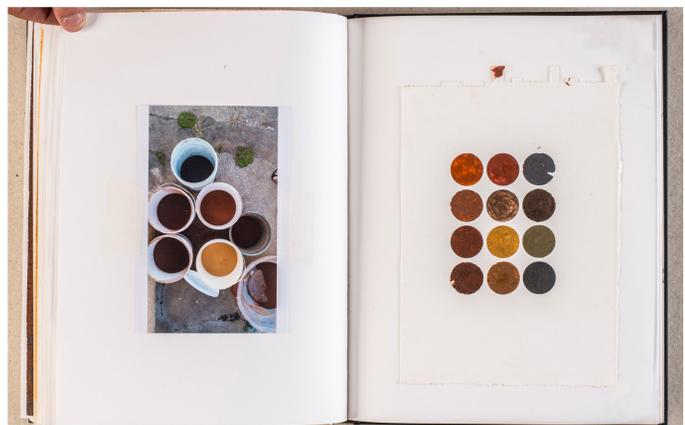
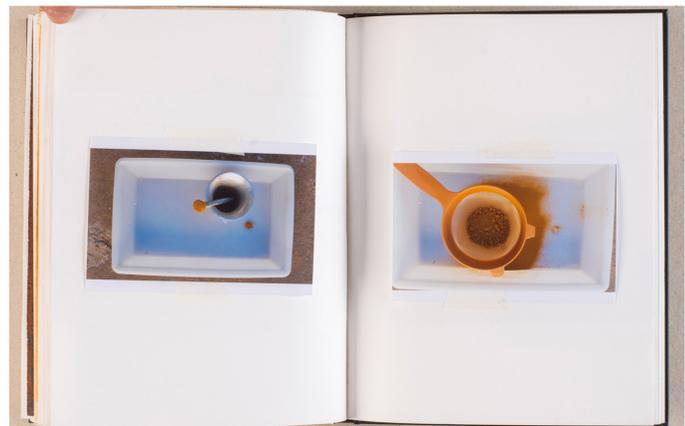
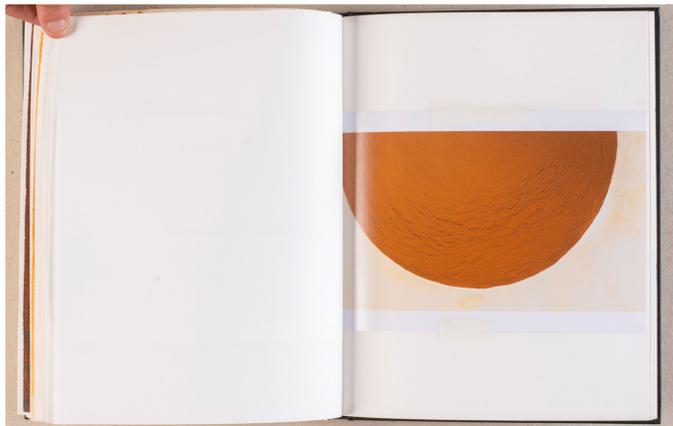












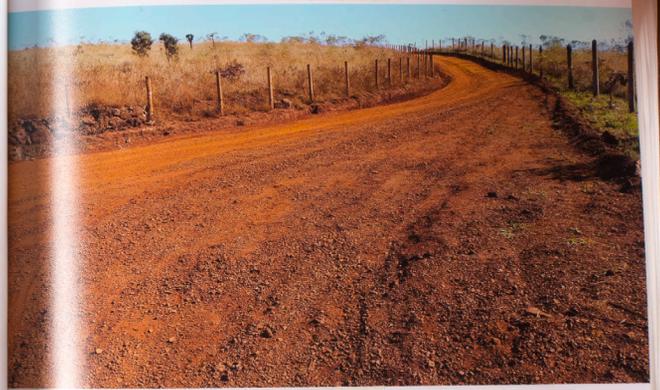






Segunda Viagem; 30 de junho

Bumadinho



Quarta viagem: 4 de julho
Serra do Rolá-Moga - Casa Branca -
Córrego do Feijão.



¶
 Responde a Chica da Silva
 (assim dizem que pensava):
 - Estes marotos do Reino
 só chegam por estas lavras
 para recolher o fruto
 das grotas e das guparas.
 Eles gastando na corte,
 e a Morte aqui pelas cotas,
 demorou no bananco,
 engrasando as enxurradas... ¶

Remaneiro da Inconfidência
 Cecilia Meneles